



HISTÓRIA E IDENTIDADE: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARTE MODERNA NO PANARÁ (1950 – 1960)

Alan Sanches da Silva (PIBIC/CNPq/Uem), Sandra C. A. Pelegrini(Orientador), e-mail: ra78051@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de História/Maringá, PR

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#): Ciências Humanas, História.

Palavras-chave: artes plásticas, paranismo, história cultural.

Resumo:

O Movimento Paranista (1920) foi concebido pelas elites do estado como intuito de criar símbolos identitários. A repercussão do movimento, apesar de centralizado em Curitiba, atingiu intelectuais e políticos de várias cidades, produziu reflexões nas esferas da política, da ideologia e da produção artística. A principal característica do movimento foi a exaltação do Paraná, com a criação de argumentos e signos que o representasse. A compreensão análoga do Movimento Paranista e dos propósitos da “Semana de Arte Moderna de 1922” (realizada em São Paulo) foi relevante porque apresentam similaridades entre esses dois movimentos contemporâneos; portanto, nos auxiliam a analisarmos o surgimento e a consolidação da arte moderna no cenário artístico paranaense depois de muitos conflitos estéticos e ideológicos.

Introdução

Esse estudo tem por objetivo apresentar as características do movimento paranista representado por artistas paranaenses ou daqueles que fizeram desse estado sua morada e dedicaram inúmeras obras aos temas e paisagens sobre o Paraná e sua gente, de maneira a criar símbolos e produzir memórias (PELEGRINI; PINHEIRO, 2010) que até hoje são reconhecidos dentro e fora do estado como representações identitárias do Paraná. Nesse sentido, efetuamos a análise das obras de artistas como Alfredo Andersen, Frederico Langue de Morretes, Zaco Paraná e João Turin. Antes devemos lembrar que “(...) tanto a literatura quanto os estudos históricos e políticos tiveram um papel fundamental no processo de migração do paranismo, enquanto ideal, dessas áreas para a arte.” (SALTURI, 2009, p. 7 – 8). A arte, por sua vez, configurou como um meio de difundir o ideário supracitado entre a população do estado. “Porém, mesmo sem acessar o interior paranaense, o Paranismo se faz presente em todo o estado, pois os



paranaenses em geral reconhecem seus símbolos e desconhecem sua história.” (BUENO, 2009, p. 15).

Como podemos observar abaixo (Figura 1) a tela de Alfredo Andersen apresenta uma paisagem campestre, onde notamos as araucárias e pessoas trabalhando, de maneira a enaltecer o povo paranaense com um “povo forte” e “trabalhador”. A composição segue os princípios do Neoclassicismo: contornos bem definidos e um detalhamento das figuras inseridas, características essas pertinentes ao ideário paranista.



Figura 1. Alfredo Andersen. A Queimada, s/d. Óleo sobre tela. 90,5 x 152 cm
Foto: autoria desconhecida.

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra17740/a-queimada>.> acessado em mar/2015.

Na década de 1940, o cenário artístico começou a se modificar a partir do surgimento da “Revista Joaquim”, em 1946, que seria “*um divisor de águas na cultura local.*” (FREITAS, 2003, p.92) Isso porque trazia a tona debates sobre o conceito de arte moderna e divulgava os trabalhos de artistas como Guido Viaro e Poty Lazzarotto.

Na tela “Lavadeiras” (Figura 2), Viaro toma como tema as figuras humanas inseridas no cotidiano de um vilarejo, as representações apresentam uma composição geométrica e um jogo de cores fortes, sem os detalhes realistas.



Figura 2. Guido Viaro. Lavadeiras. 1960. Óleo sobre tela. 72.00 x 90.00 cm. Foto autoria desconhecida. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9385/guido-viario> Acessado em Jun/2015.



A criação da “Garaginha”, do Centro de Gravura do Paraná e da galeria Cocaco propiciou o fomento de reflexões sobre os principais fundamentos da arte, por conseguinte, esses locais tiveram grande importância na formação dos artistas modernistas paranaenses porque se tornaram pontos de encontro, refúgio para suas novas ideias, técnicas e concepções pictóricas.

Os modernistas enfrentaram disputas acirradas na sua trajetória, desenvolvimento e consolidação de suas produções. Primeiramente na década de 1950 contra os neoclassicistas, e depois na década de 1960 com os abstracionistas, e só então os modernistas tiveram seu reconhecimento.

Materiais e métodos

O método utilizado no desenvolvimento dessa pesquisa pautou-se pelo estudo da literatura especializada em arte, sistematização da historiografia e a análise de documentos textuais e imagéticos (pinturas).

Tabela 1 – Documentos e fontes levantados

Tipo de documentos e fontes documentais	Dados Quantitativos
Imagens	12
Livros	4
Artigos em revistas	4
Trabalhos em eventos	1
Monografia, dissertações e teses	2
Sites	1

Na tabela 1, demonstramos que nos ocupamos da análise de onze obras de artistas relacionadas ao Movimento Paranista e daqueles reconhecidos como representantes da arte moderna no Paraná.

Resultados e Discussão

O presente PIBIC produziu uma análise sobre o cenário artístico paranaense entre as décadas de 1920 até 1960. A partir da década de 1920 surgiu o Movimento Paranista, responsável pela construção de discursos traduzidos em composições que idealizaram e representaram os valores simbólicos que pudesse gerar uma identidade regional distintiva para o Estado do Paraná. Essa ideologia artística manteve-se hegemônica até meados da década de 1940, quando a arte moderna começou a surgir como uma alternativa ou uma nova linguagem artística. Alguns estudiosos entendem que ela se tornou uma “válvula de escape” frente a já saturada estética paranista.

Conclusões

O Movimento Paranista adquiriu repercussão e conseguiu criar uma identidade cultural para o Estado do Paraná através de narrativas e



produções plásticas tomadas como meios de profusão dos ideais de seus signatários. Artistas como Alfredo Andersen, Frederico Lange de Morretes, João Turin e Zaco Paraná atuaram como propagadores desse movimento através da estética neoclássica e contribuíram para reafirmar construções simbólicas sobre a paisagem e a força, a altivez e o empreendedorismo do “povo” paranaense consideradas capazes de representar as singularidades e distinções do estado para além das fronteiras territoriais do estado.

Em meados da década de 1940, o lançamento da revista Joaquim marcou a difusão de novas concepções pictóricas e esculturais na arte paranaense. A partir dessa publicação, a arte moderna começou a ganhar destaque e entrou num processo de disputas estéticas, primeiramente com os artistas neoclássicos na década de 1950, e depois com o abstracionismo na década de 1960. Após a deflagração de tais conflitos a arte moderna paranaense adquiriu respeito e passou a ser apreciada por seu público, produtores e críticos de arte.

Agradecimentos

Agradeço a Profa. Sandra C. A. Pelegrini pela oportunidade e orientação dessa pesquisa acadêmica, ao CNPq pelo financiamento do projeto e a todos os que me ajudaram a chegar até aqui.

Referências

BUENO, L. E. B. **O paranismo e as artes visuais**. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Centro de artes. Universidade do Estado de Santa Catarina UFESC. Florianópolis. 2009.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Disponível em site:
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9385/guido-viario>>.
Acesso em: 01 Jun. 2015.

FREITAS, A. A Consolidação do Moderno na História da Arte no Paraná: Anos 50 e 60. **Revista de História Regional** 8(2): 87-124, Inverno 2003.

PINHEIRO, A. P. PELEGRINI, S. C. A. **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1a.. ed. Teresina-Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2010.

SALTURI, L. A. Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX. **Periféria**. Numero 1, p 1 – 22. 2009. Disponível em:
<http://ddd.uab.cat/pub/periferia/18858996n11/18858996n11a7.pdf&rct=j&frm=1&q=&esrc=s&sa=U&ved=0CBQQFjAAahUKEwizkb_T9vPGAhXFDZAKHQ73AL0&sig2=ehZSJ44hrJPWiJcu6wOXgQ&usq=AFQjCNFhSfmX9eZ2RTGo9QtCtJ5ozyzOfw>. Acessado em: 01 jun. 2015.